



RESISTIR À RESISTÊNCIA É PRECISO. UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO PROCESSO DE DESLIZAMENTO DOS SENTIDOS DE “OPRESSÃO” E DE “LUTA”

Carolina Fernandes¹

Neste trabalho, buscamos compreender o deslizamento de sentidos das palavras *opressão/opressor* e *luta/guerreiro* que circulam em páginas da web, principalmente da rede social Facebook, cujas posições ideológicas são assumidamente “de direita” ou “conservadora”.

Começo com o que já é um primado na Análise de Discurso de vertente materialista, os dois pontos considerados incontornáveis para Michel Pêcheux em seu texto retificador “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês” ([1982]2009, p.281), diz o autor: “Não há dominação sem resistência”, o que significa que “é preciso ousar se revoltar; e ninguém pensa do lugar do outro, o que significa que “é preciso pensar por si mesmo”. O lema da revolta é comovente e compelativo: sim, pensamos, vamos resistir, vamos nos revoltar, vamos pensar por nós mesmos, não cederemos passivamente à ideologia dominante.

A defesa da resistência parece ser a fórmula de escape à cegueira ideológica, assim passamos a desenvolver esse conceito no seu funcionamento como prática discursiva de luta contra o domínio do Estado e da ideologia burguesa. E quando a resistência inverte o ponto de partida? Quando os sentidos que se pretende estabilizar são resultado de uma luta da própria resistência à subjugação forçada? Como não há sentidos que se fazem predominantes sem que a eles se ponha uma resistência, outras formas de revolta surgem. Nesse contexto, resistir é o que é preciso?

Leandro-Ferreira (2015) discute o conceito de resistência mostrando como ele se legitima no dispositivo teórico-metodológico da AD agindo desde o modo como operamos nossos conceitos e nossa prática, primeiro porque a AD resiste enquanto teoria científica e resiste à linguística enquanto ciência piloto. Segundo a autora (ibidem, p.161), a resistência é da ordem da ruptura e se faz no interior da língua (através do equívoco), da história (através da luta de classes), e do sujeito (através do inconsciente).

A resistência é, portanto, constitutiva do processo discursivo e não um adendo. É o que Pêcheux concluiu em 1982: não se pode pensar em dominação sem sua resistência, assim não se pensa a interpelação sem suas falhas (op. cit.). A ruptura é sempre uma possibilidade, “enunciados podem sempre vir a ser outros”, outra proposição pecheutiana (Pêcheux, 1983). Consideramos na AD, então, dois processos na produção de discursos: a repetição (paráfrase) e a ruptura ou deslizamento de sentidos (polissemia).

Pêcheux (1983) alerta para o fato de os sentidos sempre estarem em movimento e, assim, romper com o imaginário instituído para produzir um novo modo de dizer. O que o autor destaca é o

¹ Doutora em Letras (UFRGS), professora adjunta na UNIPAMPA, líder do grupo de pesquisa Estudos Pecheutianos.



aspecto político da linguagem que faz o dizer se dividir permitindo o sujeito rejeitar o já-dito (o realizado) e produzir outros dizeres que rompem com a ordem da continuidade (o irrealizado), a esse processo Orlandi (1996) chama de polissemia.

Neste contexto, observo que os documentos sobre o regime militar formam um arquivo de textos, sons e imagens que alimentam continuamente a memória discursiva sobre esse período, produzindo um imaginário para opressão e para luta que resiste ao imaginário de “revolução” e “democracia”. Esse arquivo que denuncia o abuso de poder cometido pelos militares funciona como uma tentativa de controlar os deslizamentos e “congelar os sentidos” (Orlandi 2003) que formam o imaginário dos “anos de chumbo”. Este é um modo de resistir ao apagamento na memória histórica que forjava uma democracia encobridora do golpe de 64 e do regime ditatorial que a ele sucedeu.

Dentre essas materialidades, destaco o projeto e o documentário de mesmo nome: “Resistir é Preciso” que inspira o título dessa apresentação. O Projeto “Resistir é Preciso – Jornais que fizeram história” do Instituto Vladimir Herzog, resgata fragmentos da história do Brasil, a partir de depoimentos de jornalistas, escritores, estudantes e ativistas políticos que resistiram à ditadura militar brasileira através da palavra impressa. Tomando a forma material do documentário, textualiza como um documento a privação de liberdade, a repressão e mesmo a tortura a que eram submetidos os opositores ao regime militar, tornando evidentes os sentidos para opressão e luta neste contexto sócio-histórico-ideológico.

Sendo que não há “ritual sem falhas” como diz Pêcheux (op. cit.), não há garantia no controle desses sentidos, e diferente da memória oficial que se pretende neutra e uníssona, apagando os sentidos indesejados, a memória discursiva funciona resgatando os sentidos possíveis para luta e opressão dentro daquilo que já foi dito antes e em outro lugar (o patamar do interdiscurso), onde os dizeres podem ser recuperados no intradiscurso para ressoar na matéria atual fazendo-a legível e interpretável. Isso significa que não apenas os sentidos do lado da esquerda ou da anti-ditadura são recuperados, aqueles dizeres a favor da intervenção militar que incitaram o golpe de 64 também são possíveis de retornar pelo trabalho da memória do dizer. Isso é o que vemos nos comentários sobre o mesmo documentário “Resistir é preciso”:

Recorte 01: A resistência de direita

SD 1 São tudo comunistas, querem distorcer a história. Os militares estavam apenas lutando contra o comunismo no Brasil. Péssimo documentário....

SD 2 Bando de nojentos... Ficam contando vantagens, golpezinhos, rindo, todos espertalhões.

SD 3 Cambada de comuna !! Viva os militares que *salvaram* o Brasil dessa raça !! Esses comunas torturaram também !! Na URSS o povo lá não foi torturado ?? E aqui não torturaram ninguém ??? Eram todos bonzinhos ???

SD 4 Lamentável essa merda, continuam distorcendo, sorte que tem pessoas que não caem nessas falácias, meias verdades. Coitadinhos deles, bando de safados².

Essas formulações se inscrevem em uma formação discursiva de direita que apoia a intervenção militar e condena a subversão como atos terroristas de comunistas. A luta aqui é contra a

² Acessado em: <http://www.ocafezinho.com/2016/03/26/resistir-e-preciso-documentario-em-serie-conta-a-historia-da-imprensa-alternativa-na-ditadura-militar/>



ameaça de uma revolução comunista e se faz por meio de uma opressão necessária para proteger o povo brasileiro do comunismo. Percebemos esse deslizamento de sentidos circular mais fortemente após as manifestações de 2013, a partir de quando passamos a ouvir a própria canção-tema da resistência à ditadura, a música “Para não dizer que falei das Flores”, de Geraldo Vandré, entoada nas marchas cujos cartazes clamam pela intervenção militar.

SD 2: vídeo de manifestação contra corrupção detalhe da faixa: “O Brasil pede intervenção militar já”.

A música de Geraldo Vandré surge com sua memória de luta anterior que é com frequência atualizada em protestos cujas bandeiras se agitam por melhores condições de trabalho e pela rejeição à perda de direitos conquistados. Entretanto, nesse evento da SD 2 sua materialidade é ressignificada a favor daquilo mesmo a que rejeitava no momento de sua formulação. Há uma torção na própria memória do dizer, trazendo o irrealizado como sentido possível para esta canção. O efeito de sentido de união, de luta por um propósito comum permanece, agora o desejo comum explicitado é aquele contra a corrupção que fragiliza o país, a intervenção militar se faz necessária nessa matriz de sentidos para combater este mal que, segundo seus defensores, assola a todos, “somos todos iguais”, mesmo que não tenhamos a mesma posição política, “braços dados ou não”. A intervenção militar se faz urgente, por isso se convoca o povo à luta imediatamente: “Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer”. E com esta “luta”, o que se pretende é a mudança, “A certeza na frente/ A história na mão/ Caminhando e cantando/ E seguindo a canção/ Aprendendo e ensinando/ Uma nova lição”. A gestualidade da melodia da canção é aproveitada para causar o efeito da convocação, da união, da luta pelo bem de todos pela “certeza que vai na frente”, mudando a história e ensinando “uma nova lição”, aquela da história “certa”, de que a intervenção militar é revolução e não ditadura. Observamos em outras condições de produção ser esta uma reivindicação recorrente de uma parcela da sociedade que expressa a tensão política na disputa pelos sentidos e pela memória coletiva, para que a História, essa da memória oficial, registre a ideologia à qual se identifica e defende, com os sentidos que nela se produzem.

Nessa tentativa de revisionismo da história, a língua é afetada pela fratura na memória coletiva, desse modo, “opressão” se torna algo pelo que lutar e não o inverso. A Série *Oprimindo nas escolas* da página feicebuqueana Alunos de Direita mostra que oprimir e ser opressor é visto com admiração.

Recorte 2: Opressão nas escolas

SD 1: Esses *guerreiros* de SP mandaram sua foto opressora e nós publicamos para vocês... Parabéns guerreiros por escolherem o único homem que não tem rabo preso nesse país, ele mesmo Jair Messias Bolsonaro!

SD 2: Essa turma de *guerreiros* de Campinas, SP já decidiram que para mudar o Brasil precisamos de Jair Messias Bolsonaro para presidente em 2018, e você ainda tem dúvidas?

SD 3: Direto da baixada fluminense no Rio de Janeiro, esses *guerreiros* mandaram seu apoio para nosso futuro presidente Jair Messias Bolsonaro. Parabéns jovens *guerreiros*, a direita está dominando o Brasil e libertando os jovens da doutrinação marxista do ensino do MEC.

SD 4: Por mais perseguições que nossa página tem levado por parte de diretores de escolas doutrinados pelo marxismo, não vamos parar, a *opressão* continua e os



alunos mostram que não são ovelhas, mas leões. 2018 essa cultura começará a minar de maneira que deixará de existir no Brasil.

Opressor aqui é aquele que resiste à tal “doutrinação marxista”, lutando como um “guerreiro” pela libertação dessa ideologia. Opressão retorna com seu valor de necessidade, na resistência ao arquivo institucional que acaba circulando nas escolas. O apoio à candidatura de Jair Bolsonaro materializa essa posição ideológica, já que o deputado federal e capitão da reserva do Exército defende publicamente a ditadura militar até mesmo homenageando torturadores. Além dessa “luta” dentro do próprio aparelho do Estado, a ressonância da opressão se faz presente em outros contextos, banalizando seu uso.

Recorte 3: Ser opressor é legal

Construí esse recorte a partir da busca no Facebook pela hashtag “opressor” que me levou a páginas como esta de Alunos de Direita que idolatram o político Jair Messias Bolsonaro como um “mito”, o “guerreiro” salvador de nossa pátria como vemos na imagem da página do grupo no Facebook em que aparece o deputado com escudo e roupa de super-herói. O sujeito autodesignado “opressor” se identifica com um grupo social, produzindo o efeito de uma identidade, uma “irmandade” que idolatra seu mito, produzindo seu dizer “entre amigos” para usar a expressão trazida por Eni Orlandi em sua fala na conferência de abertura.

SD 5: Quando o casal é *opressor* e os amigos também são, não tem como a foto ficar melhor hein? Parabéns pela bela foto *guerreiros*.

SD 6: Aquele bolinho surpresa bem *opressor* #bolsonaro2018 #opressor

SD7: Olha que *opressor* mais lindo... quantas curtidas ele merece? Parabéns pelos pais que estão criando esse lindo garoto nos caminhos certos. Sim MIMIMI #Bolsonaro2018 #opressormirim

SD 8: Santo Treino *Opressor!* OSSS #mma #boxygirl #opressor

Nessas SDs a palavra “opressor” serve para qualificar positivamente o casal e seus amigos, o bolo de aniversário, o garotinho e o treino de MMA, assim equivale a algo legal, intenso, bem-feito, bonito, gracioso, interessante etc.

Nas SD 9 e 10, os sujeitos-enunciadores trazem a camiseta com o rosto e/ou nome do deputado Bolsonaro como algo provocativo que faz “perder amigos no Facebook” e incomoda o ambiente universitário. A camiseta materializa visualmente sua posição ideológica, deixando evidente a que grupo ele pertence, expondo uma identidade forjada na identificação com o movimento atual de “opressão” e resistência ao tal “comunismo”.

SD 9: Pra começar bem o fds dando aquela *oprimida*...

#bolsomito #bolsonaro2018 #opressor#perdendoamigosnofacebook #choraesquerda #comofiltraramigosnoface

SD 10: Se preparando para *oprimir* na faculdade hein? Parabéns pela atitude *guerreiro*.

Observa-se que as atividades são parabenizadas como atos de coragem, incentivando sua prática como uma luta necessária. Na SD 11, a imagem da moça não foi censurada por se tratar de uma figura pública, é a vocalista do Bonde do Furró, Juliana Caetano. Os comentários sobre sua foto na



página Bolsonaro Mito 2018 exaltam sua beleza e seu posicionamento político com usos positivos da palavra opressor bem como o contraste que fazem com o que configuraria um o grupo de esquerda.

SD 11:

Vixi nossa senhora diiii parecida, não tem coisa melhor, linda e inteligente.

Mulher bonita, inteligente é assim! Bolsonaro presidente.

Muita *opressão*!!!

Assim Mata papai..e ainda de direita..Caso facil

"Coração *opressor*"

Enquanto isso do lado de lá tem a Maria do Rosário e Jean wyllys

É o que falo. Na direita só tem avião. Na esquerda só tem canhão kkkk

Isso é q a coisa boa de ser de direita, aiaiai mamãe q delicia de mulher, amo as mulheres lisinhas e cheirosas, suvaco cabeludo to fora rssss

A esquerda tem Titica Merda Cruz nos temos Juliana Caetano preciso falar mais alguma coisa

As mulheres de direita são as mais lindas!!! Enquanto as feministas parecem o cão chupando manga

Mulheres de direita são outro nível, além de ser linda é inteligente em apoiar o Bolsonaro !!!

Essa oposição, enaltecendo as qualidades daqueles que se identificam com a ideologia de direita e desmerecendo a aparência e inteligência daqueles que defendem uma ideologia de esquerda reforça a configuração de um grupo social distinto que se identifica com os mesmos gostos, valores e ideais, e se opõem a outro grupo delimitado segundo sua própria formação discursiva. A militância anti-esquerda retratada pelo deslizamento de sentidos de luta e opressão resulta da tensão política em torno desses termos.

Para concluir, percebemos com nossa análise que as forças políticas afetam a linguagem, provocando tensão no dizer “opressão” e “luta” e uma disputa pelo controle dos sentidos e pela memória coletiva. Assim, o efeito de sentido de luta como luta por liberdade e de opressor como aquele que priva as pessoas dela não se tornam consensuais. O arquivo institucional não é suficiente para naturalizar esses sentidos porque há falhas na interpelação ideológica que defende um Estado Democrático de Direito. A formação discursiva de direita ou conservadora resiste ao controle do arquivo, convocando os designados “guerreiros” para “lutar” a favor de uma intervenção militar que reprima uma formação ideológica de esquerda.

Considerando que a polissemia e a resistência são constitutivas da linguagem, do sujeito e, assim, de todo processo discursivo, não há como escapar do antagonismo ou o que cabe é compreendê-lo. E assim, encerro com a citação de Hanna Arendt em *Origens do Totalitarismo*:

Compreender não significa negar o ultraje, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades tais que deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocam sobre nós [...]. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido. (ARENDR, 2012, p. 21).

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Resistir, resistir, resistir... Primado prático discursivo! In: FERRARI, Alexandre Soares et al. (Orgs.). *Discurso, resistência e ...* Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015, p. 159 – 167.

ORLANDI, Eni P. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: _____. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003, p. 7-20.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

Pêcheux, Michel (1982). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009, p. 269-281.

_____. (1983). *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.